BIBLIOTECA DO CIDADÃO

O LIVRO NA RUA

Série Diplomacia ao alcance de todos



5

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Coleção Divulgação – INCENTIVO A LEITURA - Distribuição gratuita

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

THESAURUS Editora

© Thesaurus Editora – 2008

o organizador

José Santiago Naud, escritor gaúcho, formado em Letras Clássicas pela UFRGS, em Porto Alegre (1959). Concursado pelo MEC e pioneiro de Brasília (1960), em 1962 integrou o grupo docente fundador da UnB. Professor visitante ou conferencista em universidades dos EUA, da Europa e da América Latina. Diretor do CEB (Itamaraty), entre 1973 e 1985. Poeta e ensaísta, ele tem 16 livros publicados e textos dispersos em antologias, jornais e em revistas especializadas

Revisor: Jacinto Guerra
Colaboração: Gabriel Oliveira Marçal Ferreira – Pesquisador Funag/IPRI

Arte, impressão e acabamento:
Thesaurus Editora de Brasília,
SIG Quadra 08 Lote 2356, Brasília – DF – 70610-480 – Tel: (61) 3344-3738
Fax: (61) 3344-2353 ou End. eletrônico: editor@thesaurus.com.br

Editores: Jeronimo Moscardo e Victor Alegria

Os direitos autorais da presente obra estão liberados para sua difusão desde que sem fins comerciais e com citação da fonte. **THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA LTDA.** SIG Quadra 8, lote 2356 – CEP 70610-480 - Brasília, DF. Fone: (61) 3344-3738 – Fax: (61) 3344-2353 *End. Eletrônico: editor@thesaurus.com.br *Página na Internet: www.thesaurus.com.br – Composto e impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

Nota Biográfica

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT nasceu no Rio de Janeiro em 18 de abril do ano de 1906, de família abastada.

Foi empresário de sucesso, diplomata, jornalista e poeta. Destacou-se no serviço público e na cooperação internacional. Entretanto, nunca foi feliz nos estudos, passando por diferentes escolas e sendo até reprovado no Colégio Pedro II. Abandonou o banco de escola para trabalhar no comércio, dizendo que este seria a "sua Universidade". Dentro do espírito do Modernismo, Schmidt se colocava como "alérgico ao academicismo". Quando despontou a Semana de Arte Moderna (1922), já publicava seus primeiros poemas e crônicas num jornalzinho de Copacabana. Trabalhou em firmas do Rio e também foi caixeiro-viajante. Chegou a dirigir a biblioteca do Centro Dom Vital, na convivência de Jackson de Figueiredo e Tristão de Athayde – o Dr. Alceu Amoroso Lima, de magistral exercício crítico no Modernismo. Com 18 anos, em São Paulo, onde permaneceu até 1928, conviveu com autores do nível de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Ribeiro Couto e Plínio Salgado. *Canto do Brasileiro* (1928) foi seu primeiro livro publicado. Posteriormente fundou sua própria editora e publicou obras fundamentais para a cultura brasileira tais como *Casa Grande e Senzala* (Gilberto Freyre), *Caetés* (Graciliano Ramos), *O País do Carnaval* (Jorge Amado), entre outros. Em sua vida como homem de negócios, criou várias empresas. Dentre elas a rede de supermercados *Disco*, do Rio de Janeiro. Foi sócio, presidente e diretor da Sociedade de Expansão Comercial (SEPA), além de inúmeras outras iniciativas que o consagraram defensor da "tese do enriquecimento nacional".

A Operação Pan-Americana (OPA)

Pessoa de inteira confiança do presidente Juscelino Kubitschek (1956-61), com marcante influência em seu Governo, Schmidt foi o principal negociador da Operação Pan-Americana (OPA), iniciada em 1958. A proposta era a de estruturar um convênio de cooperação entre os países subdesenvolvidos da América Latina e os Estados Unidos nos moldes do Plano Marshall, que havia reconstruído a Europa após a devastação causada pela Segunda Guerra Mundial. Argumentava-se que o desenvolvimento era a melhor forma de prevenção contra a penetração da ideologia comunista. Em outras palavras, a persistência da miséria e do subdesenvolvimento formavam uma conjuntura propícia para a revolta contra o sistema capitalista e a democracia ocidental. Os Estados Unidos deveriam, portanto, fornecer os subsídios necessários para que as nações do sul do continente americano se juntassem ao colosso do norte como economias plenamente desenvolvidas e, conseqüentemente, como bastiões da democracia. Esses subsídios consistiam no incentivo ao investimento privado em áreas carentes de capital, a cooperação técnica, a ajuda para a formação da indústria de base, a construção da infra-estrutura, o incentivo à formação de mercados regionais e, principalmente, a disponibilidade de crédito abundante e barato.

O momento do lançamento da OPA foi muito propício, haja vista a intensidade do embate ideológico da Guerra Fria em fins da década de 1950. A diplomacia brasileira usou com maestria o mecanismo do conflito em seu próprio favor e da América Latina ao argumentar que o desenvolvimento pleno era o melhor antídoto contra o comunismo. Os EUA, no entanto, não acataram a proposta. Depois do esforço pós-Segunda Guerra Mundial de manter a Europa protegida do avanço comunista, os EUA esta-

vam agora absorvidos com a forte pressão no Sudeste Asiático (Coréia e Vietnã). A América Latina era vista em segundo plano. Por outro lado, os americanos não se convenceram totalmente de que o desenvolvimento econômico fosse uma garantia segura contra o comunismo. Citavam como exemplo a Tchecoslováquia, país europeu dos mais prósperos que, contudo, passou a girar na órbita de Moscou.

Outras iniciativas acabaram por tomar o lugar da Operação Pan-Americana que, por isso mesmo, é considerada como sua precursora. Dentre elas se destaca a criação do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em 1959, que se propunha justamente a ser uma fonte de crédito para o fomento do desenvolvimento dos países do continente. Em 1960, o governo americano veio a implementar a *Aliança para o Progresso*, sua versão para a OPA.

Schmidt também representou o Brasil no Mercado Comum Europeu e, antes que findasse o Governo JK, chefiou a delegação brasileira à XIV Assembléia Geral das Nações Unidas. Com o fim da gestão de JK, Schmidt filiou-se ao IPES/Instituto de Estudos Sociais, atuando politicamente nas crises que sucederam a renúncia do presidente Jânio Quadros em agosto de 1961. Morreu no Rio de Janeiro, no dia 8 de fevereiro de 1965. Em 1956 publicou-se o livro de suas *Poesias completas*, e da sua vasta bibliografia cumpre destacar: *Pássaro cego*, 1930; *O galo branco;* 1948. *Fonte invisível*, 1949.

ANTOLOGIA

A última audiência

Há um ano, precisamente 23 de agosto de 1954, comparecia eu ao Palácio do Catete, a fim de entregar ao presi-

dente Getúlio Vargas o relatório da Missão Klein & Saks sobre o problema da alimentação no Brasil. A hora era trágica; o governo parecia prestes a naufragar, pobre barco com os mastros quebrados, a água a entrar pelos porões.

Lembro-me de que encontrei o Palácio quase vazio, nessa tarde triste e incerta de agosto. Medidas de defesa tinham sido tomadas, e o ambiente era de nervosismo contido. Havia pouca gente no Catete. Além de um pequeno grupo de senhoras de uma associação de mães de família, apenas os auxiliares diretos de confiança do presidente e o pessoal do funcionalismo estavam a postos.

(...)

Quando chegou a minha ocasião de entrar para a audiência, pouco depois das dezessete horas, e a porta se abriu, ao olhar o espaçoso salão não atinei imediatamente com Getúlio Vargas. Esperava-me ele de pé, num canto, de maneira que a própria porta o escondia. Ao saudá-lo, observei o seu abatimento físico. Estava quase magro, a fisionomia cansada, mas serena. Nenhum sinal que indicasse sentir-se o presidente assustado ou nervoso. Nenhuma impaciência, nenhuma demonstração de fuga de atenção.

O assunto que nos reunia era o problema da alimentação no Brasil. Levava-lhe eu o relatório da missão de técnicos norte-americanos Klein & Saks. Getúlio Vargas estava interessado em conhecer as conclusões e pediu-me que resumisse o que havia de mais importante.

"A mais importante das conclusões do relatório, presidente, é que, por enquanto, produzimos o necessário para que se alimentem todos os brasileiros, disse-lhe eu. O que nos desgraça é a falta de transporte dos perecíveis e a inexistência de silos para armazenamento e conservação...!"

Getúlio Vargas parecia refletir sobre o que eu lhe dizia. E, de repente, pediu-me que lhe mostrasse o capítulo do relatório Saks

referente à industrialização do pirarucu e que lhe lesse mesmo o que os americanos escreveram a respeito. Comecei a leitura, mas lia mal. Estava perturbado.

(...)

Eu experimentava a sensação de estar a planejar um passeio alegre no campo com alguém que iria entrar em agonia dentro de poucos momentos; parecia-me que representávamos os dois uma espécie de drama, mas que dissimulávamos as nossas angústias. À medida que eu lia as palavras singelas, e penetradas de bom senso, dos honestos autores do relatório, ia também observando a fisionomia do presidente, já ferido de morte na sua autoridade. O seu rosto estava imóvel, animado apenas por um fio de atenção. Senti-me impossibilitado de continuar a tratar da industrialização do peixe e interrompi a leitura, confessando-lhe que a prova a que ele me submetia era insuportável para mim. Disse-lhe então:

"Não posso ler isso, presidente. Como vai a situação? Que está acontecendo?"

Getúlio Vargas esboçou um sorriso e afirmou-me que estava tranqüilo.

"Como, tranqüilo!" exclamei.

Então o homem que vivera a mais estranha, a mais extraordinária aventura política de todos os tempos no Brasil, que errara e acertara tantas vezes, que parecia identificado com a própria sorte deste país, que fora em tantas ocasiões sagaz e iluminado e, noutras, cego, destituído de qualquer malícia, mal informado e ingênuo, esse homem, que era toda uma época de nossa história republicana, falou-me com uma intimidade triste:

"Não me faço ilusões sobre o momento. Conheço a gravidade de tudo, mas estou assim mesmo tranqüilo. Não são os acontecimentos de fora que nos perturbam, mas o que está em nós mesmos. O difícil, o que provoca a indecisão, é a necessidade de tomarmos um rumo, uma resolução. Mas quando, enfim,

decidimos e sabemos para onde vamos e o que devemos fazer, isso nos tranqüiliza. Eu sei o que devo fazer e para onde vou e é por isso que lhe digo que estou tranqüilo. Vou numa só direção e para frente".

E fez um gesto que procurava exprimir certeza e convicção. Com as duas mãos abertas, em forma de asas, indicava um rumo no ar, uma espécie de vôo.

(Do livro *As Florestas*, 1959)

Governo e desgoverno

Governar é dar rumo às coisas, orientar numa direção determinada: ora, é bastante claro que não temos governo, que não somos governados. Na Idade Média, governo era termo de náutica. O homem de governo era o que fazia, com o seu instrumento, cumprir as rotas necessárias. É esse *homem-leme* que nos falta; por isso o país sofre e se ressente. É verdade que muitos são os que desgovernam, desorientam, atiram a Nação para sítios perigosos. São numerosos os que procuram confundir e encaminhar o Brasil para regiões em que imperam as calúnias, as negações e a dissolução de tudo.

Não é possível a quem não se governa, governar a nau do Estado, trazê-la contida, orientada, com rumo e prumo.

A falta de governo gera a inflação, impossibilita a defesa do organismo nacional – estimula todas as desordens. Governar é ordenar. Não há governo possível onde predomine o interesse político. Este, tal como o concebemos em nossa terra, é o inimigo da governança. O interesse político tripudia, humilha e esfacela o interesse nacional. Para atender ao interesse político, que outra coisa não é senão a máscara do interesse privado, individual e injusto procede-se ao desgoverno, ao desmembramento, à desarticulação do Estado.

É que, além de se alimentarem os interesses dos políticos exclusivamente do desgoverno, existem e estão infiltrados em toda parte elementos teóricos e práticos decididos a empreender a destruição do Estado e a causar lesões irreparáveis ao País. Houve sempre os que geram desgoverno, os que lutam contra a ordem, guiados pela ambição pessoal ou em virtude de engano na interpretação dos fenômenos; hoje, porém, os teóricos da destruição de tudo, os arautos e apóstolos do ressentimento estão com a instrumentária nas mãos e agem e se fazem ouvir e obedecer. É um bando de incendiários fantasiados.

A "Aliança" e o Desenvolvimento

Conversei em Washington com os homens mais responsáveis pela "Aliança para o Progresso" e com quase todos os que estão ligados às relações bilaterais do Brasil com os Estados Unidos. A impressão reinante nessas pessoas é a normal e lógica: não compreendem o que está acontecendo em nosso país. Por mais que meditem, não se dão conta da razão de nos comportarmos de forma tão negativa, tão prejudicial e tão incompreensível em relação a nós mesmos. Faltam, a esses altos funcionários norte-americanos, conhecimentos de natureza psicológica e uma penetração necessária nas causas profundas que dirigem os nossos passos incertos.

(...) Essa tendência ao nada, esse ressentimento orientando o País, essa má-vontade com as possibilidades de grandeza nacional, essa obscura e triste propensão para envenenar tudo – estão localizados principalmente na inteligência, nas cúpulas, e encontram aliança propícia nas altas esferas políticas, que nada mais querem senão o poder pelo poder, sem qualquer idealismo, sem qualquer espécie de compromisso com o que há de permanente e nobre nas nações.

(...) O remédio é o desenvolvimento; fora do desenvolvimento não há salvação. Todas as conversas são inúteis, todas as conversas são pura conversa, se não se verificar, numa nação como o Brasil, o impulso do desenvolvimento.

Passar o Brasil a limpo

Passar a limpo este país, enfim, tirar-lhe as urtigas, as ervas-de-passarinho, as parasitas que se enrolam no seu tronco. Reduzir o funcionalismo público ao estritamente necessário. E não assanhar toda a população para que viva de um tesouro já inteiramente vazio.

Dar toda sorte de punições aos demagogos, a começar pela maior de todas, que é não ouvi-los mais, tirar-lhes qualquer meio de acesso ao público.

O meu plano é sério. É mais do que um plano – é um resultado da cura de uma nação. Estamos é enfermos. Tanta propaganda errada, tanta mentira solene, tanta porfia vã nos deixou assim, sem sabermos nada de nós mesmos.

Planificar é convencer que o dever de nosso povo é produzir sempre mais e melhor para atender às nossas necessidades crescentes, sempre e aceleradamente crescentes. Um governo que não sabe que precisa ajudar a produzir é nocivo e criminoso.

Vamos produzir dentro do plano de nosso dever nacional. Basta de tanto "não", basta de tanta falsificação, basta de tanta subserviência aos que nos querem pobres, freados e cegos.

Entremos no plano da recuperação do país pela vontade nítida de deixar de ser uma nação patologicamente notável, nação modelo do que não devem ser as nações.

O carreirista

O carreirista está em toda parte – no clero, no povo, nas Forças Armadas, nos empresários, nos funcionários, nos literatos, nos iletrados, nos políticos, nos comediantes, nos mares, nos ares. O carreirista é de todos os tempos. Basta abrir, por exemplo, um volume deste involuntariamente grande Saint-Simon para vermos as evoluções dos carreiristas em torno do poderoso Rei e de sua favorita. A História está repleta deles – há o carreirista da Babilônia, o assírio, o de Lumentel, o romano e o grego. Porfiam os carreiristas em conquistar posições na vida, são os ávidos de guloseimas, de poder, de luxo, de execuções, de vingança e de incenso. Mas sempre e em toda parte sofreram eles reações as mais diversas, algumas vezes incapazes de contê-los ou ofuscá-los, mas, pelo menos, impediram que o reino deste mundo fosse apenas propriedade exclusiva dos carreiristas.

O carreirismo é uma das misérias da natureza humana; é o lado oposto à grandeza. Ao carreirista não interessa saber o que está vencendo, mas quem vence para os fins do agrado, do ungüento, da zumbaia, da concordância, do respeito fementido. O contrário do carreirista é todo aquele que acredita na paz interior, desejoso de estar bem consigo mesmo e disposto a amar e cultivar o valor, esteja ele onde estiver; quer nos vitoriosos, quer nos reis vencidos, nos reis sem coroa, nas majestades infamadas, nos valores renegados e desconhecidos.

Para o carreirista, o tempo deste mundo é curto demais para ser gasto com a dignidade.

Nacionalismo

Sempre existiram “chauvinistas”, inimigos de estrangeiros. No meu tempo de adolescente, eram os portugueses as vítimas

dessa mentalidade. Jackson de Figueiredo rompeu com o nacionalismo porque não admitia que um brasileiro se voltasse, em termos negativos, contra Portugal. (...) Floriano Peixoto encarnou a figura do herói nacionalista, embora fosse silencioso, enigmático, discretíssimo. "À bala", respondera ele, ao receber uma impertinência da Inglaterra. Mas esse nacionalismo era superficial e não reunia os aspectos negativos e mórbidos do nacionalismo de nossos dias. Era qualquer coisa ligada ao passado, ainda não esquecido, de colônia. Mas as portas do País estavam abertas à colaboração alienígena...

Hoje a "doença" adquiriu aspectos bastante graves e já conseguiu vitórias de grande monta contra o País. (...) A luta contra o capital estrangeiro, corporificada e codificada na famosa Lei de Remessa de Lucros, é um exemplo do que pode ser obtido com um simples bater-a-clara de falsidades, mentiras, lugares-comuns. Não há nada que resista. Considero essa lei de "remessa de lucros", aprovada unanimemente, um resultado bastante convincente do que acontece com democracias construídas em cima do atraso, da falta de informação. É uma lei contra o Brasil, em todos os seus aspectos, contra o tipo de país que desejamos, é uma lei de claro, insofismável, rápido efeito negativo. E, no entanto, o chamado "nacionalismo" formara tal ambiente em torno das palavras "capital" e "estrangeiro" que não houve qualquer resistência sensata que pudesse deter esse atentado ao nosso desenvolvimento.

(Excertos do livro *Prelúdio à Revolução*, Edição do VAL, Rio de Janeiro 1964).

Soneto em Louvor de Augusto Frederico Schmidt
(Manuel Bandeira)

Nos teus poemas de cadência bíblica
Recolheste os sons das coisas mais efêmeras:
O vento que enternece as praias desertas,
O desfolhar das rosas cansadas de viver.

As vozes mais longínquas da infância,
Os risos emudecidos das amadas mortas:
Matilde, Esmeralda, a misteriosa Luciana,
E Josefina, complicado ser que é mulher e é também o Brasil.

A tudo que é transitório soubeste
Dar, com a tua grave melancolia,
A densidade do eterno.

Mais de uma vez fizeste aos homens advertências terríveis.
Mas tua glória maior é ser aquele
Que soube falar a Deus nos ritmos de sua palavra.

10 de setembro de 1940.

Opiniões sobre A. F. S.

"Era o 'empreendedor', cuja motivação, como dizia Keynes, ia muito além do simples desejo de ganhar dinheiro. Era, além do mais, um homem bom, generoso e de alma sensível".

(*Eugênio Gudin*)

"Um dos principais artífices da ascensão de Juscelino Kubitschek ao poder, tendo desempenhado no governo do ilustre mineiro várias missões – de *ghost writer* e embaixador a arquiteto da Operação Pan-Americana –, Schmidt era carinhoso, *causeur* irresistível. O seu apartamento da Rua Paula Freitas, em Copacabana, foi palco de incontáveis encontros e manobras políticas, algumas das quais acompanhei encantado".

(*Aristóteles Drummond*)

"Schmidt foi, sem dúvida, a maior figura que conheci quando, então jovem deputado, cheguei ao Rio; a ele devo contatos valiosos que me foram úteis pela vida inteira. Por suas intuições políticas e capacidade empreendedora, Augusto Frederico Schmidt se revelou um dos protagonistas de seu tempo, sobretudo por viver intensamente a utopia de um Brasil Grande, que ajudou a construir com seu largo espírito de homem público e escritor profético."

(*Antônio Carlos Magalhães*).



“Retrato do Poeta quando jovem”

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

"O remédio é o desenvolvimento. Fora do desenvolvimento não há salvação, todas as conversas são inúteis, todas as conversas são pura conversa, se não se verificar, numa nação como o Brasil, o impulso do desenvolvimento".

Augusto Frederico Schmidt
1906/1965

www.funag.gov.br